

Promessas não cumpridas: os Jogos Olímpicos de Paris de 2024 são manchados por acidentes de trabalho

O presidente da França, Emmanuel Macron, prometeu construir os Jogos Olímpicos de Verão de forma segura, livre de perigos de construção e abusos de trabalhadores migrantes que mancharam a Copa do Mundo de 2024 no Qatar.

Meses antes do início dos Jogos **brbetboo** Paris, ele declarou vitória.

"Estamos cumprindo nossos compromissos", disse o Sr. Macron **brbetboo** fevereiro.

Dados do governo mostram menos de 200 ferimentos **brbetboo** sítios olímpicos **brbetboo** um surto de construção de quatro anos. E nenhuma morte.

Mas registros de fiscalização e outros documentos mostram que os sítios olímpicos tiveram mais perigos do que as autoridades deixaram claro, com alguns projetos não atendendo a padrões básicos de segurança. Quando trabalhadores sem documentos sono feridos no emprego, trabalhadores e funcionários disseram que as lesões geralmente são tratadas fora do livro, quase garantindo que elas não aparecerão nas estatísticas do governo.

Professora ucraniana inspira a seus alunos a expressarem suas experiências de guerra **brbetboo** um mural coletivo

No Brasil, estamos no WhatsApp. Comece a nos seguir agora.

Em fevereiro de 2024, quando a invasão russa da Ucrânia começou e alguns de seus alunos fugiram para o exterior, Iryna Kovaliova, professora de Literatura, decidiu que era hora de se aposentar.

"Escrevi minha carta de demissão e levei minhas coisas da escola", afirmou. Mas os meninos de **brbetboo** turma do sexto ano, 6H, **brbetboo** uma escola **brbetboo** Kiev, a suplicaram para ficar, " pelo menos enquanto durasse a guerra", relatou **brbetboo** uma entrevista recente.

Dois anos depois, ela continua ensinando aos 63 anos, três anos após a aposentadoria dos professores, despedaçada pela angústia de ver seus alunos lidarem com o trauma dos ataques aéreos, bombardeios e perda de entes queridos. Ela se preocupa com os deslocados, obrigados a estudar online, assim como com os ex-alunos que já se alistaram no exército e lutam no front.

Elle começa cada manhã vendo as contas nas redes sociais de dois antigos alunos que estão no exército, aliviada quando vê que eles se conectaram, pois sabe que eles estão vivos.

Maria Lysenko, diretora da escola, disse que está preocupada com toda uma geração de crianças, mas também com seus professores.

"As crianças são como diapasões, um reflexo do que acontece **brbetboo** nossas vidas", disse Lysenko. "Há uma razão pela qual uma criança está recostada no banco: talvez ela não tenha dormido toda a noite, porque estava esperando notícias de alguém próximo".

"Mas o que acontece com os professores?", acrescentou. "Eles aguentam, sem desabar, sem pânico, fazem tudo o que podem".

Crianças e professores de todo o país começaram o lunes seu primeiro dia de aulas do novo ciclo escolar, **brbetboo** um momento **brbetboo** que a Rússia intensificou os bombardeios das cidades ucranianas.

A turma 6H é o grupo mais conflituoso do sexto ano da escola de Kovaliova. Aos meninos, afirmou, não gosta da disciplina e não podem ficar quietos depois de terem passado o encierro

pela pandemia de covid e então dois anos de desordem com o estouro da guerra. Eles frequentemente ignoram os professores, disse Kovaliova, e acrescentou: "É um grupo difícil". Mas ela podia ver razões por trás de seu mau comportamento, assinalou.

"Esses meninos são barulhentos. Querem gritar algo. Mas nunca lhes perguntamos por que gritam".

"Esses meninos estão gritando por ajuda", acrescentou. "São como uma ferida sangrante, e ninguém a vê".

Assim, **brbetboo** vez de revisar seus deveres uma manhã recente, surpreendeu a turma com uma pergunta repentina. Convidou um jornalista do New York Times para que escutasse.

"O que mudou **brbetboo** vocês nos últimos dois anos?", perguntou à turma. "E como o expressariam **brbetboo** um painel coletivo?".

Desde que começou a invasão russa, disse que havia pressionado a escola para que considerasse a possibilidade de expor **brbetboo** o abrigo antiaéreo da escola um mural gigante, pintado pelos meninos, **brbetboo** que pudessem expressar **brbetboo** experiência da guerra. A escola mostrou-se relutante, então ela decidiu seguir **brbetboo** frente e pediu aos seus alunos que comesçassem a pensar no projeto.

O primeiro a falar foi Danya, de 11 anos, um estudante deslocado de **brbetboo** casa **brbetboo** a cidade ucraniana de Lugansk, **brbetboo** 2014, quando começaram os primeiros combates entre os separatistas apoiados por Rússia e as forças governamentais nas regiões orientais de Lugansk e Donetsk.

"Antes, eu pensava **brbetboo** minha casa como um armário onde podia me esconder, onde nada te preocupa", disse. "E já não é mais assim".

Em seguida, Yehor, de 11 anos, de Kiev, disse que fugiu da capital com **brbetboo** mãe no momento **brbetboo** que começou a invasão russa **brbetboo** grande escala.

"Queria ficar, mas meus pais acharam que os soldados já se aproximavam", contou. "Nós fomos. Meu pai ficou, e viu com seus próprios olhos um míssil que voou e impactou".

A família de Yehor fugiu para uma vila a oeste da capital. Ele levava consigo um ícone religioso, que acredita que os ajudou a fazer a viagem segura e saudável. Ele disse que queria representar esse ícone no painel.

Kovaliova explicou **brbetboo** ideia: "Imagine que dentro de 20 anos vem um aluno para a escola", disse à turma. "A guerra terminou. Vivemos **brbetboo** um país feliz. E vê este painel assinado 'Turma 6-H'. Vê um armário e um ícone sobre um armário. E começa a pensar".

"O que mudou dentro de vocês nos últimos dois anos?", perguntou. "E como o expressariam **brbetboo** um painel coletivo?".

Nazariy, de 12 anos, respondeu: "Para mim, a guerra é morte, **brbetboo** primeiro lugar. É muito dolorosa".

Em aula, risos nervosos eclodiram.

"Meu tio morreu", disse.

Kovaliova silenciou a turma. "Que idade ele tinha?", perguntou.

"Trinta e dois", respondeu Nazariy.

"Me dão vontade de chorar", disse Kovaliova. "O que você pintaria?", perguntou.

"Uma fortaleza. Cavaleiros que entram **brbetboo** a fortaleza. E muita sangue **brbetboo** volta", respondeu ele.

"Que mudanças sofreram?", perguntou a professora, voltando-se para a turma.

"Me deu menos vergonha expressar minha opinião", disse Nazar, de 12 anos. "Antes, eu pensava: 'Maldita seja, por que nasci na Ucrânia?'. Depois que a guerra começou, comecei a sentir-me ótimo por ser da Ucrânia. Eu pintaria um espelho no armário, para ver como eu mudei".

Arina, de 11 anos, revelou que havia sido deslocada do leste da Ucrânia e separada de seus avós, que permaneciam **brbetboo** território ocupado pela Rússia. Ela começou a chorar e vários

de seus colegas se apressaram para abraçá-la.

"Eu pintaria uma pessoa chorando", disse Arina. "Porque a gente morre, e nem sequer podemos visitar **brbetboo** tumba".

"É uma conversa muito importante", esclareceu **brbetboo** professora. "Obrigado. Eu os entendo melhor. E eles se entendem melhor uns com os outros".

Agora, todos contavam suas histórias.

"Meu irmão morreu recentemente. Ele tinha 24 anos", comentou um menino chamado Sasha.

"Não valorizei esses momentos de vida com ele. Eu pintaria braços que sustentam caixões".

"Nossa pintura está ficando mais complicada", acrescentou.

Outro colega, Kyril, pegou a palavra.

"Quando começou a guerra, eu tive mais medo do que esperava", confessou. "Eu pintaria o medo".

"Como pintar o medo?", perguntou Kovaliova.

"Como escuridão", respondeu Kyril.

Informações do documento:

Autor: symphonyinn.com

Assunto: brbetboo

Palavras-chave: **brbetboo - symphonyinn.com**

Data de lançamento de: 2024-10-11